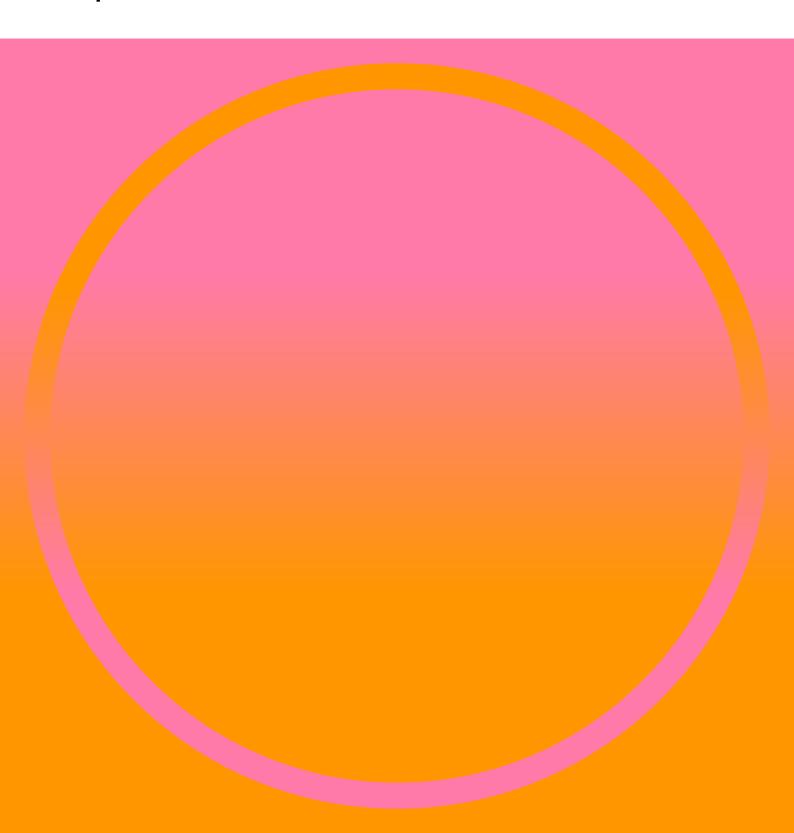
caderno de leituras n.156 / 2022

série intempestiva

manifesto do impossível e da responsabilidade da arte

paloma bianchi



nota da editora

Uma versão em espanhol deste texto – "Manifesto de lo imposibile y la responsabilidad del arte" – foi publicada em ¬ACCESOS. Revista de investigación artística, n. 5, 2022 (ISSN 2530-447X) e está disponível aqui:

https://www.accesos.info/accesos-n5/paloma-bianchi-

Agradecemos à autora a autorização para esta publicação.

manifesto do impossível e

Se manifestos são declarações públicas com motivações políticas, este manifesto compreende a política como força que impele à transformação do mundo. Se manifestos são desejos que se organizam a partir de situações concretas, este manifesto parte do contexto para excedê-lo. Se manifestos têm como intenção fazer emergir outras realidades, esse manifesto é como um ato mágico que invoca a imaginação para enfeiticar a realidade. Se manifestos artísticos são modos de evidenciar que a arte também é um fazer político, este manifesto anuncia que esse fato deve ser mobilizado em todo ato artístico. Este manifesto declara que não há luta política sem a mobilização das emoções e imaginações; ele afirma que a arte deve assumir sua responsabilidade na transformação radical do mundo. Este manifesto é, sobretudo, um convite para a compreensão da ficção como estratégia política que potencializa a vida e os encontros.

Paul Preciado (2014) disse:

A mudança necessária é tão profunda que se costuma dizer que ela é impossível. Tão profunda que se costuma dizer que ela é inimaginável. Mas o impossível está por vir. E o inimaginável nos é devido.

O impossível não é uma utopia, pois, como diz Marilena Chaui (2008), utopia é a noção ocidental e branca de uma sociedade perfeita e feliz, em uma cidade ideal.

O impossível tampouco se aproxima das lógicas de salvação, de redenção ou de merecimento. Nem se trata de milagres ou de recompensas, talvez seja até seu contrário, pois a ativação do impossível é imanente à própria situação.

O impossível também não se alia à ideia de fantasia sem nenhuma relação com os aspectos sociais, políticos, culturais e ecológicos. Em um mundo marcado pela democracia parcial, pelo etnocídio, pelo ecocídio, pela expropriação, pela exploração dos humanos e dos outros-que-humanos, inumanos, mais-que-humanos (aqueles existentes considerados recursos, commodities, produtos), as ações impossíveis devem envolver a superação das desigualdades, das injustiças e das assimetrias. Isso quer dizer que o impossível está ancorado nas problemáticas do viver e morrer juntas em um planeta devastado.

O impossível não é fechado ou predeterminado. Não é genérico, é concreto. Ele não é aplicável a toda e qualquer situação, é específico a um contexto, pois depende das relações que estão postas, bem como das percepções e dos pontos de vista ali circunscritos.

O impossível, diz Vladimir Safatle (2016), é um regime de existência que não se apresenta materializado em certa situação, embora não deixe de produzir efeitos como qualquer outra coisa existente. O impossível é força que impele à variação dos possíveis. Ele é a aposta no desmedido e no improvável; ele muda os próprios parâmetros dos possíveis.

Safatle (2017) recorda que a força concreta da política somente retornará a nossas vidas se formos capazes de perceber a pressão por outros modos de existência. Pois a política é, acima de tudo, a crença improvável de que podemos ser outras, outres e outros, de que podemos viver de outra maneira.

Sueli Rolnik (2018) reitera que não há transformação macropolítica sem a transformação micropolítica. Isso quer dizer que não há luta política sem a mobilização de paixões. É necessário enfrentar os abusos da vida em nossos corpos, percepções, imaginações e emoções.

E não seriam os corpos, as percepções, as imaginações e as emoções o próprio campo de incidência da arte? A questão então se volta para quais corpos, percepções, imaginações e emoções são mobilizados na arte, e para o modo como eles são mobilizados.

A arte dispõe de elementos para mobilizar mundos que (ainda) não existem. Tania Bruguera (2012) diz que artistas evocam uma metarrealidade, um futuro potencial a ser experimentado no aqui e agora. Na arte, o impossível se realiza em ato, o impensável recobra materialidade, o inimaginável ganha forma. Seus artifícios, materiais e matérias – perceptivas, sensoriais, visuais, discursivas – excedem a objetividade, a racionalidade, a moralidade e a lógica.

A arte que almeja o impossível comprometido com transformações de realidades sociais, políticas, culturais e ecológicas deve assumir sua responsabilidade pelo viver e morrer em um planeta devastado.

A arte que almeja o impossível comprometido com transformações de realidades sociais, políticas, culturais e ecológicas não tem um pacto inviolável com essa mesma realidade. Ela atua na construção de um espaço-tempo singular que suspende provisoriamente o estatuto do que se considera possível em certo contexto, e revela que o que vivemos é apenas um possível dentre tantos.

Essa arte que almeja o impossível requer o trânsito entre arte e vida, entre ficção e realidade.

Essa arte que almeja o impossível comprometido com transformações de realidades deve estar implicada com diferentes lógicas de conhecimento. A arte que almeja o impossível é contracolonial.

Essa arte que almeja o impossível deve respeitar e considerar todos os existentes: humanos, outros-que-humanos, inumanos, mais-que-humanos. Ela deve criar vínculos de cooperação e alianças afetivas entre todos os existentes envolvidos na situação artística.

Essa arte que almeja o impossível deve produzir desvios, dissonâncias, diferenças, nos possíveis de certo contexto.

Essa arte que almeja o impossível não tem apenas o direito de discordar, ela tem o dever de discordar, como coloca Tania Bruguera (2012). Artistas têm o direito de discordar dos aspectos afetivos, morais, filosóficos, culturais, econômicos e políticos. Artistas têm o direito de discordar do poder e do status quo.

Essa arte que almeja o impossível atua na micropolítica, esfera distinta das ações macropolíticas, como as da política representativa ou a dos movimentos sociais. Essa esfera micropolítica não é nem melhor nem pior, nem mais ou menos efetiva.

Essa arte que almeja o impossível não deve nunca esquecer que a imaginação, a emoção e a percepção são agentes políticos de transformação de mundo. Uma arte que almeja o impossível deve insistentemente tentar produzir outras atualizações nas imaginações e nas percepções de quem compartilha a experiência artística.

Essa arte que almeja o impossível deve produzir um campo de implicação que impele as pessoas que compartilham o trabalho artístico a tomarem uma posição e a se responsabilizarem pelo que ocorre.

A uma pessoa artista que almeja o impossível cabe abrir uma lacuna, encontrar uma brecha para a tentativa de tornar o impossível, possível, para o exercício de transformação, mesmo que seja mínima, mesmo que não seja.

A uma pessoa artista que almeja o impossível cabe seguir tentando, sem se desencantar caso nada ocorra, porque a responsabilidade de quem faz arte não é a de garantir que algo aconteça, nem tampouco de controlar os efeitos de seu trabalho, mas de

seguir tentando produzir um campo de afecção, no qual o impossível possa emergir.

Não podemos esquecer que tentar fazer o impossível possível não se circunscreve ao universo da arte. É uma tarefa que atravessa a vida quando as urgências por mudanças se impõem e exigem que sejam movidas.

Se, na arte, mover o impossível significa criar campo para o comprometimento e a corresponsabilidade, mover o impossível na vida não é diferente. Há que reconhecer a interdependência e a reciprocidade como sendo as próprias condições da vida – seja humana, outra-que-humana, mais-que-humana – e atuar a partir dessas condições. Como diz Donna Haraway (2016), o único modo de vivermos e morrermos bem no antropoceno/capita-loceno será se fizermos parentesco, se criarmos laços de obrigação, de prazer e de responsabilidade mútua e duradoura. Ou, como diz Ailton Krenak (2016), se fizermos alianças afetivas.

Quem sabe assim os impossíveis podem ser percebidos como já-não-tão-impossíveis.

Bibliografia citada:

Bruguera, T. Manifiesto sobre los derechos del artista. Tania Bruguera website, 2012. Disponível em: https://bit.ly/3BOw3Kd

Chaui, M. Notas sobre Utopia. *Ciência e Cultura*, 60 (spe1), 7-12, 2008. Disponível em: https://bit.ly/30nTood

Haraway, D. Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

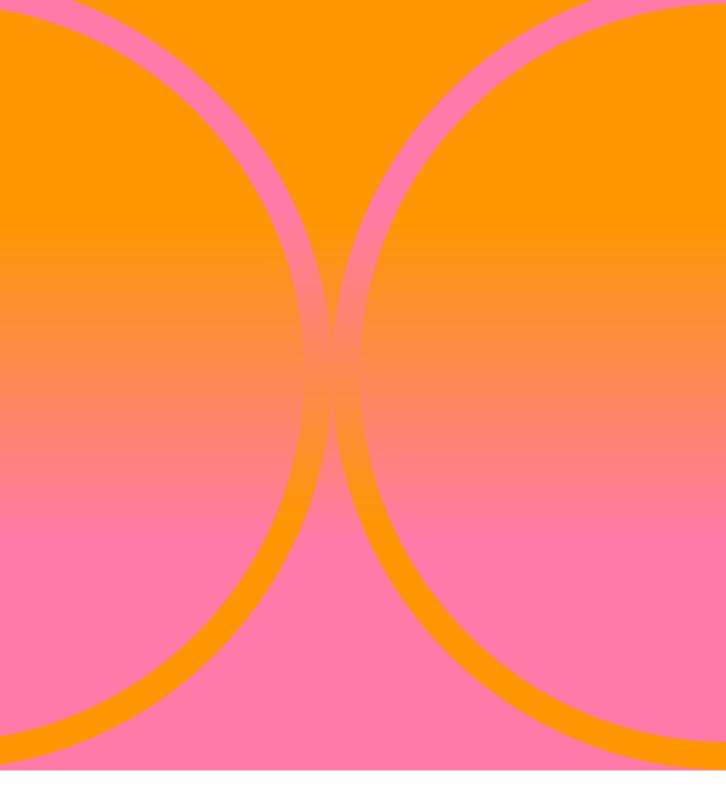
Krenak, A., Cesarino, P. As alianças afetivas - Entrevista com Aílton Krenak por Pedro Cesarino. *Incerteza viva - Dias de estudo*. Fundação Bienal de São Paulo, 169-189, 2016.

Preciado, P. "O feminismo não é um humanismo". *O Povo online*, 24 nov. 2014. Disponível em: https://bit.ly/3lyyHxW

Rolnik, S. Esferas da insurreição. São Paulo: N-1, 2018.

Safatle, V. O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

Safatle, V. Só mais um esforço. São Paulo: Três Estrelas, 2017.



Caderno de Leituras n.156 | 2022 série intempestiva

Manifesto do impossível e da responsabilidade da arte Paloma Bianchi

Edição Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Preparação de texto Maria Carolina Fenati

Revisão Andrea Stahel

Projeto gráfico Mateus Acioli

Coordenação da coleção Luísa Rabello e Maria Carolina Fenati

Composto em Maax, desenhada por Damien Gautier para 205TF Foundry.

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira Belo Horizonte, outubro de 2022

Esta e outras publicações da editora estão disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização



CULTURA



Projeto 0182/2021